

A POLOP E A CLASSE TRABALHADORA: HISTÓRIA DE UM DESENCONTRO

Rodrigo dos Santos Borges, Eurelino Teixeira Coelho Neto

Bolsista PIBIC/FAPESB, graduando em licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: r.borges87@hotmail.com

Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eurecoelho@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: POLOP, classe trabalhadora, esquerda.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga a relação da Organização Revolucionária Marxista- Política Operária (ORM-Polop) com a classe operária e com os movimentos de massa, assim como papel dessa classe na revolução socialista brasileira nos anos desde o seu surgimento em 1961 até o golpe civil-militar em 1967.

Os primeiros anos da década de 1960 jamais serão esquecidos pela população brasileira e, sobretudo, pelos olhos atentos dos historiadores. Isso porque, esse momento foi marcado por diversas greves, onde os movimentos populares estavam explodindo em todo país, como consequência da gradual politização dos trabalhadores e de um governo extremamente instável. É nesse momento histórico que surge a Organização Revolucionária Marxista- Política Operária (ORM- POLOP), após o seu primeiro congresso em 1961. Fazendo críticas ao reformismo e às atitudes conciliadoras de classes do PCB e PTB, partidos que mantiveram a hegemonia da classe trabalhadora naquela época, a POLOP e outros partidos de esquerda começaram a disputar a direção política da classe trabalhadora.

METODOLOGIA

Analisar as práticas de um partido é compreender também um conjunto de relações sociais, pois um partido é responsável pela “elaboração e difusão das concepções de mundo, na medida em que elaboram essencialmente a ética e a política adequadas a elas, isto é, em que funcionam como ‘experimentadores’ históricos de tais concepções”¹. Certamente, escrever a história de um partido não é apenas falar sobre suas questões internas, seu surgimento, a elaboração de seus programas e estatutos, mas também “escrever a história de um partido significa nada mais do que escrever a história geral de um país a partir de um ponto de vista monográfico, pondo em destaque um seu aspecto caracterizado”².

Ao confrontar nossa problemática com o avanço da leitura das fontes surgiu um novo desafio. Até que ponto que ponto a Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM – POLOP) obteve êxito em sua empreitada? Até que ponto suas idéias foram difundidas e aceitas pelos trabalhadores do Brasil? O conceito de “eficiência real” de Gramsci parece ser uma saída viável.

Para Gramsci ao analisar um partido político é necessário compreender até que ponto essa organização obteve um ganho real na luta política³. Não se trata, de julgar se um

¹ GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000-2004 (3 vol.) p. 105

² Idem, p.87

³ Idem p. 93

determinado partido obteve sucesso ou não, mas sim de compreender o alcance real de seus programas, estratégias e ideologia no seio da classe operária, portanto, conceito ajuda na compreensão de como “uma ideologia política que se apresenta não como fria utopia, nem como raciocínio doutrinário, mas como uma fantasia concreta que atua sobre um povo disperso e pulverizado para despertar e organizar a sua vontade coletiva”⁴. Tal concepção de Gramsci poderá ser útil no sentido da compreensão das idéias propagadas pela POLOP. Ao analisar seu programa político “*Programa socialista para o Brasil*” podemos compreender qual era a concepção de mundo e de sociedade que a POLOP queria difundir para “um povo disperso e pulverizado”⁵.

Para esta pesquisa será utilizada a documentação oficial da POLOP que foi guardada por dirigentes após a sua dissolução. O acervo localiza-se no LABELU, na UEFS, compõe-se de aproximadamente 1500 peças e possui toda a atividade política de propaganda e agitação (textos, panfletos, periódicos) e também todos os textos dos seus teóricos. Para a investigação utilizaremos a produção dos teóricos da POLOP composta por: Teses nacionais, Teses gerais (internacionais) e tribuna de debates. Também utilizaremos documentos referentes a agitação e propaganda política composta por: Curso básico, periódicos (Política Operária, Marxismo Militante, Brasil Socialista e Teoria e Prática) e panfletos. Serão utilizadas também duas coletâneas de documentos do PCB para analisar suas resoluções sobre o movimento operário junto a classe.

DISCUSSÃO

A partir de 1962, com a saída do presidente Jânio Quadros do governo, o PCB apoia a posse do vice João Goulart na tentativa de formar um governo nacional e democrático. Esse apoio era justificado pela luta incessante dos comunistas em garantir as reformas de base prometidas pelo Goulart. A atuação do PCB nos sindicatos e nas intersindicais era cada vez mais forte. Várias Lideranças dos sindicatos eram do partido. A intensificação das lutas sindicais culminou na criação do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e numa greve geral no ano de 1962. Nesse sentido, a criação da CGT foi

A deliberação mais importante do ponto de vista da unificação dos trabalhadores brasileiros veio com a definição da criação do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). Na proposta congressual de estrutura para direção do órgão, explicitava-se a tentativa de combinação entre as formas legais e as formas legítimas de representação dos trabalhadores, entre a estrutura oficial e a paralela.⁶

A CGT iria participar ativamente de grandes greves no Brasil, a exemplo, podemos citar, a “greve dos 200 mil trabalhadores metalúrgicos de São Paulo, em outubro de 1962”⁷.

Contudo, o avanço das lutas esbarrou no golpe civil-militar de abril 1964 e os comunistas foram os primeiros a sentir a ira dos conservadores. Militantes foram presos em sindicatos e mesmo com uma tentativa de articulação de uma greve geral logo após o golpe os sindicatos não tinham mais as forças de suas lideranças. O

⁴ GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000-2004 (3 vol.) pp. 13 e 14

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ Idem, p.116.

⁷ Idem, p117.

golpe militar demonstrou a total desconexão e desarticulação de um movimento que acreditava estar em posse da situação, seja pelo “controle” sobre o movimento de massa, seja pelos arranjos políticos com outros setores e com o governo. Diante da prova de fogo final, que inclusive era esperada, as duas falharam.⁸

Esta leitura do desfecho do golpe é muito diferente da formulada pela POLOP. Os militantes da PO acreditavam que a política reformista e conciliadora de classes praticada, sobretudo pelo PCB levou ao golpe.

Lastimavelmente, em 1º de abril de 1964, pelas ilusões de classe, pela incompreensão do papel de vanguarda do Partido e pela desorganização da classe operária, do campesinato e concepção civilista e desenvolvimentista do coletivo mais responsável, no caso o *Comitê Central*, a terrível derrota foi imposta.⁹

Portanto, não se tratava de uma desarticulação, mas sim, de uma política errônea. Nesse sentido, o partido estava impregnado por concepções reformistas o que levou, segundo a PO, a derrota da classe trabalhadora.

Ninguém pode negar que os comunistas lutam pela transformação revolucionária da sociedade brasileira. Esta *consigna*, porém, foi abandonada, porque o instrumento de vanguarda, abastardo pelas concepções reformistas, ficou completamente desarmado, ideologicamente.¹⁰

A luta pela direção da classe trabalhadora passava pela crítica cotidiana da POLOP em desmascarar o caráter reformista e conciliador do partidão, que afastava o proletariado da revolução socialista. Nos primeiros anos os militantes da PO atuaram de forma mais efetiva na luta contra a hegemonia das teses do PCB no campo da esquerda, procurando assim, primeiramente, marcar posição no campo ideológico para depois partir para uma atuação efetiva junto à classe trabalhadora.

Em seu boletim interno, escrito em 1963, a PO faz um balanço do governo Goulart e traça algumas tarefas imediatas. Segundo a organização, O plano trienal do Goulart tinha como objetivo uma estabilização econômica, que iria acalmar amplamente os setores da sociedade brasileira, característica de todo seu governo conciliador. Porém, esta estabilidade não veio e “a crise político-militar então deflagrada refletiu o movimento das diferentes forças políticas para ajustar-se frente à nova situação”¹¹. A crise demonstrou uma nova situação onde o presidente Goulart não mais conseguiria conter as forças tanto a direita como a esquerda. Nesta crise a direita saiu vitoriosa e com o objetivo de atrair setores militares para o seu lado. Já a esquerda, ganhou em consciência. Neste sentido, Goulart não mais conseguiria reeditar o golpe “pacífico” de 1937. As tarefas da organização nesse momento são a sua inserção, promovendo o debate ideológico e difundindo cada vez mais as suas teses, em grupos e organizações de esquerda. Outra tarefa constitui a ação junto as massas para dar-lhes consciência de seus interesses. Em suas palavras:

⁸ Idem, p.138.

⁹ COELHO, Paulo. *Mil faces das teses: para a ação se torna necessário uma concepção revolucionária e um instrumento*. Acervo CEDEM.

¹⁰ Idem

¹¹ Idem

Temos de encarar essa tarefa nos quadros de uma frente de esquerda de caráter amplo, e para isso teremos que atrair às nossas posições os setores da esquerda que hesitam ou se equivocam sua ação política. Dispomos de duas armas: a primeira é nossa presença constante de todas as formações de que participarem grupos ou organizações de esquerda, onde deveremos intensificar o debate ideológico, difundir nossas teses e análises, exercer o proselitismo direto; a segunda é a ação prática junto às massas, com o objetivo de: a) orientar as massas para a consciência de seus interesses e b) mostrar aos setores hesitantes ou equivocados de esquerda que a atuação revolucionária não isola, não sectariza, e, antes, constitui o único caminho real para mobilizar os trabalhadores¹²

O sensível ganho dos trabalhadores, orientados pela política reformista e conciliatória do PCB, em algumas de suas reivindicações dificultava a atuação da POLOP. A difusão de suas teses revolucionárias esbarrou na experiência de luta dos trabalhadores por questões puramente econômicas, isto é, de caráter imediatista.

COCLUSÕES

A ditadura civil-militar limitou ainda mais o raio de atuação da POLOP. Alguns dos seus militantes foram exilados. As discussões sobre luta armada ficaram ainda mais tensas no interior do partido. Em 1967, após seu IV congresso, viria o primeiro grande “racha” da organização. As formas de atuação da PO junto à classe trabalhadora não tiveram muito alcance. Nessa primeira fase da organização seus militantes limitaram-se, basicamente, a uma intensa luta dentro do campo da esquerda. A mudança, a partir da década de 1950, na política geral do partidão, propondo ampla colaboração e a intensa luta pelas reformas de base conquistaram a classe trabalhadora e impossibilitaram a ação mais efetiva da organização, visto que, as ideias do partidão estavam bem consolidadas no seio da classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, C. F. BRIGNOLI, H. P. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- COELHO, Eurelino. A dialética na oficina do historiador: idéias arriscadas sobre algumas questões de método. *Revista História & Luta de Classes*, v. 9, p. 7-17, 2010.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas. A Esquerda Brasileira: Das Ilusões Perdidas à Luta Armada*. São Paulo: Ática, 1990.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000-2004 (3 vol.)
- LEAL, Leovegildo Pereira. *Política Operária: a quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira*. Dissertação de mestrado. UFF. Niterói, 1992.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967)*. In: RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*, vol. V. Campinas: Edunicamp, 2002.
- MEYER, Victor. *O Labirinto. Encontros clandestinos entre a vida e a morte*. [sl], [sd], mimeo.
- MORAIS, Dênis. *A esquerda e o golpe de 64*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.

¹² Política Operária. *Boletim interno n.3*, abril de 1963. Acervo CEDEM.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista. O itinerário da Política Operária – POLOP (1961-1986). In: REIS FILHO, D. A. e FERREIRA, J. *Revolução e Democracia. 1964...* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.